

## MARY

RACHEL NAOMI REMEN extraída do livro As Bênçãos do Meu Avô.

O filho de Mary veio passar em casa a semana de férias da universidade. Sentia-se cansado e estava pálido, perdera a vitalidade. Preocupada, ela o levou ao médico, que diagnosticou uma forma rara de câncer. Era incurável.

Quando Mary ouviu o diagnóstico, o filho já voltara para a faculdade. Ela subiu os degraus da entrada, abriu a porta com força e uivou com todas as suas forças. Gritando de revolta, correu de quarto em quarto abrindo as janelas com ímpeto e dando socos no ar. O marido tentou acalmá-la sem resultado. Assustado, ele telefonou para um terapeuta que vinham consultando juntos e correu com o telefone até o quarto onde Mary gritava diante da janela aberta.

- Mary, Mary - disse ele -, o terapeuta está ao telefone.

Ao ouvir isso, ela avançou sobre o marido, gritando:

- O terapeuta? O terapeuta? Fale você com o terapeuta, Harry. Eu vou falar com Deus.

Mary precisou de toda a sua raiva, força de vontade e vitalidade para atravessar os quatorze meses que se seguiram. Com a ajuda das quatro filhas, ela levou o rapaz a quem quer que pudesse ajudar. Tentaram de tudo, mas o câncer avançou com fúria, transformando-o numa sombra de si mesmo, até que, finalmente, ele morreu nos braços da mãe. Tinha apenas 20 anos. Todo aquele amor materno não fora capaz de salvá-lo.

Mary sentiu que sua vida se fora com o filho. Passou vários meses entorpecida. Inconsolável.

Cerca de dois anos mais tarde, Mary foi com seu irmão a uma igreja católica que nunca visitara. Sem conseguir rezar, ela caminhou sem destino pela nave até parar em frente a uma imagem da Virgem Maria. De repente, a dor que estava congelada em seu coração encontrou palavras e ela perguntou em voz alta:

- Como a senhora conseguiu, Maria? Como conseguiu renunciar a seu filho? Como conseguiu encontrar uma maneira de continuar vivendo depois que ele morreu? Onde descobriu alguma esperança de conforto?

Com lágrimas descendo pelo rosto, ela disse à Virgem que sempre fora uma boa pessoa, uma boa mãe.

- Por quê? - inquiriu. - Por quê?

Que razão poderia haver para uma pessoa tão cheia de vida, tão nova, tão brilhante, sofrer e morrer? Mary sabia, sem sombra de dúvida, que jamais superaria aquela perda. Ainda chorando, ela contou à Virgem como seu filho era jovem, como ele se esquecia de comer, como não sabia lavar as próprias roupas direito.

- Ele precisava de uma mãe - disse, em lágrimas. - Ele ainda precisa de uma mãe. Não posso compreender, mas entrego-o aos seus cuidados.

Virou-se de costas e saiu da igreja.

Um ou dois dias depois, enquanto dirigia para o trabalho, Mary surpreendeu-se ao perceber que estava cantarolando um antigo hino de louvor sobre o consolo. Com o passar do tempo, devagarinho, ela foi conseguindo aliviar seu coração.

Fiquei perplexa com a força dessa história, impressionada com a intensidade do amor de Mary pelo filho e da dor pela sua perda. Não consegui dizer nada. Mary olhou para mim e sorriu:

- E o Mistério, Rachel? O Mistério é que é possível ser reconfortada.

Recentemente, Mary escreveu-me uma carta para contar que duas de suas filhas estão grávidas. Na próxima primavera, uma delas trará ao mundo um menino, seu primeiro neto.